

## SESSÃO TRÊS – DEUS, A TRINDADE

O teólogo Denis Edwards, que tem escrito prolificamente sobre o tema da teologia ecológica afirmou que “a base teológica mais importante para uma prática ecológica encontra-se na doutrina de Deus” (Edwards 1998-99, 126). É disso pois que vamos tratar hoje. Quando confrontamos a história evolucionária do cosmos com a histórica bíblica e os evangelhos, que podemos descobrir sobre Deus?

Nos nossos dias, a fé deve procurar compreender a partir dos novos conhecimentos que a ciência nos dá. Ou, como nos diz O’Murchu, “Precisamos de ultrapassar o Deus pequeno que talvez nos tenha servido em determinada altura das nossas vidas... O Deus que supera todas as nossas concepções e que nos atrai sem cessar para locais radicalmente novos e novas formas de ser é o Deus da nossa grande história evolucionária. Isto não quer dizer que inventemos uma nova religião. Tem a ver com reapropriarmo-nos do arquétipo da história divina que a própria criação tem vindo a narrar muito antes dos seres humanos habitarem essa criação. Tem a ver com realinharmos as nossas perspetivas e perceções” (O’Murchu 2002, 55).

O’Murchu é extremamente poético na forma como tenta realinhar as nossas perspetivas e perceções para transmitir um sentido da criatividade e inovação, da extravagância, generosidade, fidelidade e amor prodigiosos do Deus Criador. *Evolutionary Faith (A Fé Evolucionária)* é um livro excelente para lermos; é um convite para regressarmos a nós próprios em Deus e no cosmos, para voltarmos a ser místicos, para nos tornarmos verdadeiramente nós próprios e vivermos na esperança do futuro. Defende que “a teologia evolucionária postula que a criação em si é a evidência primeira e mais básica de que o divino atua no mundo” (O’Murchu 2002, 88). No entanto, para uma investigação teológica sistemática da compreensão ecológica da natureza de Deus, o melhor é consultar os trabalhos de Elizabeth Johnson e de Denis Edwards. Estes dois teólogos estão em grande sintonia um com o outro no que toca à doutrina de Deus e não é de surpreender que frequentemente façam referência ao outro nas suas obras.

Talvez se lembrem que Marian Ronan, uma participante do Graal americano, escreveu o ano passado um artigo sobre o último livro de Johnson, *Ask the Beasts: Darwin and the God of Love*. (O documento foi enviado a todos os grupos do Graal em todo o mundo.) Ela descreve o livro como “um diálogo intelectualmente sofisticado, e no entanto lírico, entre a teoria da evolução, em especial *A Origem das Espécies* de Darwin, e o Credo de Niceia.” Excelente escolha de palavras, acho: intelectualmente sofisticado, no entanto igualmente lírico. Este livro é um tesouro absoluto, cheio do espírito de compaixão e de amor que ela tenta inculcar nos seus leitores.

Que diz ela sobre Deus? Explora três aspetos da presença de Deus que habita na criação - nomeadamente, que é contínua, que é cruciforme e que habita como promessa de futuro - e reflete sobre a forma como Deus age na criação. Subjacente a tudo está o seu sentir profundo que o Espírito Criador está dinamicamente vivo: “o Espírito é o vivificador, aquele que apressa, anima, agita, estimula, dá vida, mesmo agora enquanto gera a vida do mundo futuro (Johnson 2014, 128-9). É deste sentido *dinâmico* da presença que ela pretende que nós nos apercebamos.

Quando eu era criança, uma das primeiras perguntas do catecismo era “Onde está Deus?” e a resposta era “Deus está em toda a parte.” Num sentido, Johnson não está a dizer nada de novo quando nos diz que Deus habita em toda a criação, continuamente. Não é assim tão difícil aceitar esta verdade. No entanto, num esboço da história do Cristianismo, ela mostra-nos como a humanidade e o pecado da humanidade se tornaram a nossa preocupação central, ficando a criação esquecida e tendo os teólogos perdido todo o interesse nela. Por isso, embora proclamássemos que Deus estava em toda a parte, habitualmente não encarávamos com seriedade a criação como a morada de Deus, nem concebíamos a presença de Deus aí como sendo continuamente criativa. A presença contínua e misteriosa de Deus apoiando e vivificando, e continuando a criar no cerne de cada coisa criada, é algo que os teólogos ecológicos querem que nós encaremos com muita seriedade. Nós, assim como toda a criação, estamos ainda a evoluir.

Johnson apercebe-se de que o Deus vivo e ativo no nosso mundo é o Espírito, essa pessoa da Trindade tantas vezes esquecida, mas que é chamada *vivificantem*, “o Senhor e Dador da Vida” no Credo de Niceia. De forma a alimentar a nossa imaginação no que toca ao Espírito, Johnson guia-nos até à Bíblia e às maravilhosas imagens bíblicas do Espírito como vento, água, fogo, ave e, finalmente, Sabedoria. Recursos tão ricos para os nossos espíritos. Mas não nos esqueçamos da realidade da natureza assim como da poesia bíblica. O mundo natural também nos pode ensinar sobre Deus se lhe dedicarmos atenção. Como disse Santo Agostinho:

*Outros, para encontrar a Deus, lerão um livro. Bem, na realidade existe um certo livro enorme, o livro da natureza criada. Olhai-a com cuidado, de cima a baixo, observai-a, lede-a. Deus não fez letras de tinta para O reconhecerdes nelas; colocou diante dos vossos olhos todas estas coisas que criou. Para quê procurar uma voz que fale mais alto? O céu e a terra gritam-vos, “Deus fez-me”. Podeis ler o que Moisés escreveu; de forma a escrevê-lo, que leu Moisés, um homem a viver no tempo? Observai o céu e a terra com um espírito religioso (Johnson 2014, 152).*

Ou, como a própria Johnson afirmou, “A terra é um local físico de dinamismo extravagante que encarna a presença cheia de graça de Deus. De certa forma, é um sacramento e uma revelação” (Johnson 2014, 150). O Papa Francisco vai ainda mais longe. Afirma: “todo o universo material fala do amor de Deus, do seu afeto sem limites por nós” (LS84).

Pessoalmente, acho a literatura sapiencial das Escrituras Hebraicas particularmente útil para alimentar a minha imaginação religiosa sobre o Espírito Criador. Irão perceber porquê quando vos ler o que a estudiosa bíblica americana Kathleen O’Connor tem a dizer sobre o assunto:

*No centro da literatura sapiencial está uma mulher linda e fascinante. É a Dama Sabedoria, ou, como prefiro chamá-la, a Mulher Sábia. A forma principal de ser da Mulher Sábia é relacional. Em todos os textos em que aparece, o aspeto mais importante da sua existência são os seus relacionamentos. As suas ligações estendem-se a todos os aspetos da realidade. Está intimamente ligada ao mundo criado; é amiga íntima de Deus; deleita-se na companhia dos seres humanos. Nenhum aspeto da realidade lhe está vedado. Existe nela como se fosse uma tapeçaria de fios interligados, que criam um conjunto com um padrão intrincado do qual ela é o centro (O’Murchu 2002,70).*

O’Murchu afirma que “a história evolucionária que se conta nos nossos tempos evoca estes três conceitos – vida, sabedoria e relacionamento – com um renovado vigor e significado” (O’Murchu 2002, 70) Estes três conceitos estão mesmo no centro do que Johnson (assim como Edwards) tem a dizer sobre o Espírito Criador de Deus, e ambos têm muito a dizer sobre o relacionamento dentro

da Divina Trindade. Embora não desejando entrar neste assunto em muito detalhe, direi apenas que para Johnson a representação trinitária é da maior importância para ancorar o que o Espírito opera no mistério da vida divina de Deus (na representação de Deus como Trindade, Johnson encara o Espírito como Deus vivo e ativo no mundo) enquanto Edwards escreveu bastante sobre Deus como comunhão, “uma Trindade de dinâmico amor mútuo que não tem fim” (Edwards, “Planetary Spirituality”, 19).

Cada criatura é lugar da morada de Deus, mas é também verdade que cada criatura morre. A história da evolução que tem visto formas de vida cada vez mais complexas, cada vez mais diversas, cada vez mais belas, é também uma história de dor e sofrimento e morte ao longo de milhões de anos. Mas, como Johnson chama a atenção, foram a dor e o sofrimento que levaram os animais a evoluírem de diferentes formas, foi a morte que trouxe sempre nova vida. No entanto, se permitirdes que a vossa imaginação tente abarcar milhões de anos deste processo de vida evolutivo, no qual a luta pela sobrevivência resulta sempre em dor e morte para alguns, podereis ficar “assoberbados”, como aconteceu a Elizabeth Johnson. De forma a lidar com isso teologicamente (e lembrem-se que estamos a falar apenas do mundo natural antes do ser humano aparecer em cena), de forma a pensar teologicamente sobre a morte “como parte do processo *criativo* neste planeta” (Johnson 2014, 189), de forma a aceitar a dimensão trágica na vida do mundo natural, Johnson propõe algo completamente diferente do que estamos habituados a ouvir. Ela sugere que a agonia surgiu de dentro do próprio processo evolucionário e NÃO foi ordenada por Deus. Por outras palavras, foi dada à criação a sua própria versão de livre arbítrio – os teólogos chamam a isto a posição de “processo livre” e o “processo livre na natureza não funciona necessariamente sempre de acordo com o desígnio divino” (Johnson 2014, 191). O que ela sugere é que a morte, a dor e o sofrimento de alguma forma surgiram através das escolhas da natureza, as quais Deus permitiu.

Tradicionalmente, como sabemos, a teologia ensina-nos que a dor e a morte vieram ao mundo através do pecado de um homem e de uma mulher. Uma teologia evolucionária, parece-me, não pode agarrar-se a essa convicção. A dor, o sofrimento e a morte são mistérios inexplicáveis e Johnson afirma que Deus se pode encontrar no meio deles, oferecendo a promessa de algo mais. Os profetas do Antigo Testamento sabiam-no, enquanto os Evangelhos nos falam de Deus que se tornou um de nós, sofreu a agonia mais terrível e uma angústia inimaginável morrendo numa cruz, e no entanto foi elevado a uma nova vida pelo poder de Deus. A história da evolução e a história do Evangelho contam ambas uma crónica semelhante de uma nova vida que chega por meio da dor e da morte. É isto que queremos dizer quando afirmamos que a presença de Deus na natureza é cruciforme. Deus, o Espírito Criador, o Senhor e Dador da Vida, que habita em todas as criaturas, não as abandona no seu sofrimento mas sofre com elas.

A Encarnação toma novo sentido num contexto evolucionário. “O Verbo tornou-se carne”, diz o Evangelho de João. Mas a carne humana, como sabemos, não é apenas carne humana. Como afirma Johnson:

*O conhecimento científico reposiciona hoje a espécie humana como parte intrínseca da rede de vida evolucionária do nosso planeta, o qual, por sua vez, é parte do sistema solar, que se formou como um capítulo mais recente da história cósmica. O cenário da nossa imaginação alarga-se quando tomamos consciência que a ligação humana com a natureza é tão profunda que não podemos já definir*

*completamente a identidade humana sem incluir a vastidão do desenvolvimento cósmico assim como a nossa herança biológica partilhada com todos os organismos na comunidade da vida. Evoluímos em relação; existimos em simbiose; a nossa existência depende da interação com o resto do mundo natural. O reposicionamento da antropologia neste contexto mais vasto fornece-nos as condições para repensarmos o alcance e significado da encarnação numa direção ecológica. A carne em que o Verbo de Deus se tornou enquanto ser humano faz parte do vasto corpo do cosmos... A carne assumida em Jesus Cristo liga-se a toda a humanidade, a toda a vida biológica, a todo o solo, a toda a matriz do universo material até às suas raízes (Johnson 2014, 195-6).*

O que as Escrituras tinham há muito sugerido, é confirmado agora pela ciência: “a encarnação é um acontecimento cósmico” (Johnson 2014, 196). O que é que esta “encarnação profunda” acrescenta a qualquer outra compreensão prévia que pudéssemos ter sobre a encarnação? Não nos faz, antes do mais, olhar para a terra e o universo dos quais é parte com olhos diferentes, sabendo que Jesus mergulhou na sua história evolucionária? E se afirmamos enquanto cristãos que queremos crescer na semelhança de Deus, que significado têm para nós as seguintes palavras de Johnson, “O calvário ilumina graficamente essa conceção que o Deus do amor cuja presença continuamente sustém e dá força à origem das espécies é um Deus de amor sofredor em solidariedade com a vida e a morte de todas as criaturas ao longo de infindáveis milénios de evolução, da extinção de espécies a cada andorinha que cai no chão” (Johnson 2014, 205). Alguma vez encaramos no sofrimento dos animais como algo que Deus partilha? Os teólogos ecologistas pensam que o deveríamos fazer.

Johnson transcreve o seguinte belíssimo parágrafo de um amigo que escreveu uma meditação sobre as palavras de Jesus na cruz:

*Compreendi de repente que no seu grito final de morte Jesus reuniu todo o sofrimento da terra através dos tempos, juntou-o e apresentou-o perante o trono celeste, não num monte de palavras mas num fardo sagrado que abrangia as tristezas, os sofrimentos, os sonhos perdidos de toda a criação, todos os povos, todos os tempos, todas as condições, e transportou-o diretamente até ao coração pulsando de amor da Trindade viva, onde se encontra agora. Jesus grita e, cheio de graça e verdade, pegou desse modo na sua angústia e em toda a angústia e transfigurou-a numa forma de tocar Deus (Johnson 2014, 206).*

E finalmente, “encarnação profunda” significa “ressurreição profunda”. A ressurreição corpórea de Jesus dos mortos pressagia a ressurreição – seja o que for que isso signifique (e nem conseguimos começar a ter uma ideia) – de toda a criação. E assim chegamos ao terceiro aspeto da presença de Deus – habita como promessa de futuro. Os cientistas dizem-nos que este mundo, e na verdade todo o universo, terminará um dia. O sol tem combustível suficiente para outros 5 biliões de anos e depois morrerá. Face a estes cálculos a teologia atreve-se a afirmar outra coisa. A teologia atreve-se a dizer que haverá um novo céu e uma nova terra. A evidência desta convicção é a experiência vivida de um Deus que é sempre fiel. Lembrem-se da aliança do arco-íris feita com Noé e com os seus descendentes e concomitantemente com cada criatura viva, uma promessa feita por Deus sem condições absolutamente nenhuma. Não preciso de vos guiar através da nossa história sagrada para vos mostrar que nada é impossível com Deus ou que Deus é sempre fiel. Os primeiros cristãos realmente acreditavam na redenção para toda a ordem criada: olhem para Paulo em Romanos 8:18-25 (onde ele prevê um tempo em que a criação será libertada da sua servidão à corrupção) ou o grande hino em Colossenses 1:15-20, no qual aprovou a Deus reconciliar consigo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes. Leiam a carta aos Efésios 1:10, ou a promessa de Deus em

Apocalipse: 21:5, “Eis que faço novas todas as coisas”. Todo o universo pode esperar por um futuro em Deus.

Nesta altura quero voltar à Encarnação, o Mistério central da nossa fé. Todas conhecemos a história que a Igreja abraçou e ensinou com mais consistência, história essa que, na sua forma mais simples, é mais ou menos assim: Deus criou o mundo e era bom, Adão e Eva pecaram – a Queda do bem, a humanidade e a criação estavam de alguma forma quebradas, por isso Deus enviou o seu Filho para reparar os estragos sacrificando a sua vida como expiação pelo pecado original. Deus aceitou o sacrifício redentor de Jesus erguendo-o dos mortos. Nesta história, a Encarnação tem que ser vista como consequência do pecado da humanidade que necessita redenção.

Há no entanto uma história alternativa, uma teologia diferente, uma que escutamos com menos frequência. É uma teologia que volta atrás a Duns Escoto um teólogo franciscano do século XIII que acreditava que a Encarnação teria acontecido, quer Adão tivesse pecado quer não. É uma história teológica que pode ser encontrada nos escritos daquele grande teólogo do século vinte, Karl Rahner. E por fim, é uma história retomada por teólogos ecológicos contemporâneos, incluindo Elisabeth Johnson e Denis Edwards. Gostaria agora de dedicar algum tempo a essa história.

Esta é uma história da criação como dádiva de Si próprio por parte de Deus, que toma a sério, tanto a história científica da evolução, como a história bíblica do amor de Deus criativo, que nos sustenta e salva. É uma história à qual não posso fazer justiça através das minhas próprias palavras, e por isso vou ter que me recorrer das palavras dos nossos teólogos. Edwards afirma:

*Deus escolhe dar-se a Si próprio em amor ao que não é divino, e assim a criação tem lugar. Esta é a conceção central da teologia da criação de Rahner... É um ato trinitário de auto dádiva: Deus dá-se a Si próprio no Verbo e no Espírito, de diversas formas, na criação, graça, encarnação e cumprimento final.*

*Uma segunda hipótese é que a encarnação é central ao desígnio de Deus ao criar. Enquanto uma tradição da teologia cristã assumiu que a encarnação surge como remédio para o pecado, outra defendia que a intenção de Deus desde o início era dar-se a Si próprio à criação na encarnação... Retomando esta tradição, Rahner defende que Deus escolhe em liberdade, desde o início, criar um mundo no qual o Verbo se tornasse carne e o Espírito irrompesse. Nesta perspetiva o acontecimento-Cristo não é encarado como uma adenda à criação. Não é em primeiro lugar uma correção a uma criação que saiu mal. Não surge apenas como um remédio para o pecado, embora à luz do pecado, é certamente um radical ato de perdão, cura e libertação. Nesta abordagem teológica, a dádiva de Deus de Si próprio na encarnação é o verdadeiro propósito e significado da criação (Edwards 2010, 39-40).*

Isto é o que Rahner tem a dizer sobre o assunto:

*Deus não é apenas aquele que, como criador, estabelece um mundo distante de si como algo diferente, mas antes aquele que se entrega a este mundo e que tem o seu destino neste e com este mundo. Deus não é apenas o dador, mas é também a dádiva. Para uma compreensão panteísta da existência, esta afirmação pode ser completamente óbvia. Para uma compreensão cristã de Deus, na qual Deus e o mundo não estão fundidos mas continuam separados para toda a eternidade, esta é a mais tremenda afirmação que pode ser feita sobre Deus. Apenas quando esta afirmação é feita, quando, numa conceção de Deus que faz uma distinção radical entre Deus e o mundo, o próprio Deus é ainda o centro da realidade do mundo e o mundo é verdadeiramente o destino de Deus Ele próprio, apenas então é atingido o conceito de Deus que é verdadeiramente cristão (Edwards, 41).*

Que significa dizer que o mundo é o destino de Deus? Qual é a nossa resposta a isto?

E aqui está como Elizabeth Johnson vê esta questão:

*Deus é amor incomensurável; o amor procura a união com o amado; esta união ocorre na encarnação quando o Verbo divino entra numa união pessoal com o mundo criado em Jesus Cristo. Mesmo que Adão e Eva e os seus descendentes continuassem inocentemente no Éden, isto teria acontecido; é assim que o amor age... a encarnação não está dependente do pecado dos nossos primeiros pais. Foi essa a intenção do Amor desde o início (Johnson, Ask the Beasts, 226).*

E se isto vos deixa a pensar sobre o significado da cruz e da nossa salvação, ela explica-o de forma muito simples:

*Decerto que a morte de Jesus está indissociavelmente ligada ao pecado. É um epítome do mal que os seres humanos fazem uns aos outros, um poder estatal tomar num homem saudável e reduzi-lo a um cadáver ensanguentado através da tortura e da violência. Escoto... no entanto, localiza o seu poder redentor não na satisfação apresentada a um Deus cuja honra foi violada, mas na presença do amor divino em carne e osso representando uma solidariedade histórica com todos os que sofrem e morrem (Johnson, 226).*

Tempo agora para parar e refletir sobre estas leituras.

De que forma é que Deus age num cosmos evolucionário? Muitos teólogos contemporâneos estão a tentar debater-se com esta questão. Como Diarmuid nos diz, “Estamos a embarcar numa mudança radical da visão de como entendemos a ação do divino na criação. Mais importante ainda, estamos a abandonar a ideia de um manipulador externo (construtor) a favor de uma força animadora vinda do interior, não porque nos dá a nós humanos mais poder, mas porque a evidência da evolução requer que façamos os ajustes” (O’Murchu 2002, 51).

Tanto Elizabeth Johnson como Dennis Edwards contribuíram enormemente para este trabalho de mudança de visão e estão muito de acordo um com o outro. Aquilo que vou agora referir tem origem sobretudo no livro de Dennis Edwards, *How God Acts: Redemption and Special Divine Action*, capítulo 3, intitulado “A Criação como Dádiva de Si por parte do Divino”, mas se estiverem particularmente interessadas no que Elizabeth Johnson tem a dizer sobre o assunto, leiam o capítulo 6 de *Ask the Beasts*.

Considerámos já a ideia da criação como um ato de dádiva de Si por parte de Deus, que contém em si próprio a Encarnação e o cumprimento final. Mas consideremos a criação como a conhecemos da perspetiva da evolução. Ao longo de eras a criação evoluiu através de um processo de autotranscendência, da matéria até à vida, da vida ao espírito autoconsciente no humano, todo o tempo possibilitando a existência de formas de vida novas e sempre cada vez mais complexas. A explicação dos teólogos é que Deus é o poder imanente *dentro* da criação que permite a autotranscendência chegar até algo novo. E nessa conceção, o acontecimento-Cristo é visto como “a radical autotranscendência do universo criado em direção a Deus” (Edwards 2010,44).

Ao refletir nesta ideia de Deus sempre presente na criação, possibilitando sempre a sua existência, o seu desabrochar e o seu crescimento, Edwards conclui que Deus nunca pode ser considerado

como à parte ou fora da criação. O que quer dizer também que Deus não pode intervir, numa força de expressão, “do lado de fora” ou quebrar as leis da natureza. Porque a forma de Deus “agir é “agir” através da própria criação, permitindo-lhe ser um parceiro na sua própria emergência, evoluindo e organizando-se através das suas leis naturais próprias. Deus permite à criação a sua própria integridade e autonomia.

Ouçam como Elizabeth Johnson o descreve de forma tão bela:

*Duas agências de magnitude qualitativamente diferente estão presentes na mesma ação terrena: a agência autonomamente criativa que a leva a cabo, e a agência divina que a funda, sustém e autoriza. Estas não são duas ações que fazem essencialmente a mesma coisa, agindo de forma paralela, cada uma delas contribuindo para uma parte do efeito. Trazidas à vida pela generosidade divina, as criaturas são centros de atividade genuínos que operam com a sua eficácia causal própria, interligadas e dependentes umas das outras assim como de Deus, enquanto o Mistério inefável e transcendente que habita o mundo em evolução cria constantemente através dos próprios processos autónomos do mundo, deixando-o existir e gastando-se numa torrente de amor (Johnson 2014, 168-8).*

Existe um risco tremendo em tudo isto, claro, e vemo-lo em todas as tragédias humanas do mundo de hoje. Vemo-lo também no acontecimento-Cristo, no qual Deus se revela como amor vulnerável e que se dá a si próprio. Quando o mundo rejeitou Jesus e o crucificou, Deus estava, num sentido, impotente para intervir. O que Ele fez foi acompanhar Jesus no seu sofrimento e transformá-lo pelo Espírito em vida nova em Deus. Nas palavras de Edwards, “Parece, a partir do acontecimento-Cristo, que o caminho de Deus é o de estar comprometido em permitir que os acontecimentos se desenrolem, mesmo quando eles se opõem radicalmente à vontade divina, e trazer cura e libertação neles e através deles”. Continua ele a dizer, “Faz uma enorme diferença pensarmos em Deus como capaz de fazer seja o que for ou agir de uma forma que respeita amorosamente e aceita os limites dos processos e entidades finitos... O amor de Deus é de um tipo que respeita e trabalha com os limites dos processos das criaturas” (Edwards 2010, 51).

Vai contra o instinto de muitas de nós pensar que Deus é limitado no seu poder, mas é isso exatamente que os ecoteólogos dizem. E este limite da liberdade e poder da vontade divina acontece precisamente porque Deus é Amor que se dá, que se esvazia. Impor a sua vontade não é o jeito do Amor. Mas a fé diz-nos que Deus é fiel. A partir do horror e da tragédia de Sexta-Feira Santa, Deus foi capaz de anular o fracasso e a morte. Aqui está a nossa esperança última, mas decerto que o que a evolução nos ensina sobre Deus e sobre a relação de Deus connosco é que temos sérias responsabilidades em relação ao mundo em que vivemos. Se Deus só pode agir através da criação, então nós seres humanos devemos trabalhar muito mais diligentemente na nossa própria evolução como zeladores responsáveis por este planeta.

Perguntei há pouco, “Que significa dizer que o mundo é o destino de Deus?” À luz da ecoteologia, fica claro um significado, creio. O mundo é o nosso destino também.

## LEITURAS PARA A SESSÃO TRÊS

Esta é uma história da criação como dádiva de Si próprio por parte de Deus, que toma a sério, tanto a história científica da evolução, como a história bíblica do amor de Deus criativo, que nos sustenta e salva. É uma história à qual não posso fazer justiça através das minhas próprias palavras, e por isso vou ter que me recorrer das palavras dos nossos teólogos. Edwards afirma:

*Deus escolhe dar-se a Si próprio em amor ao que não é divino, e assim a criação tem lugar. Esta é a concepção central da teologia da criação de Rahner... É um ato trinitário de auto dádiva: Deus dá-se a Si próprio no Verbo e no Espírito, de diversas formas, na criação, graça, encarnação e cumprimento final.*

*Uma segunda hipótese é que a encarnação é central ao desígnio de Deus ao criar. Enquanto uma tradição da teologia cristã assumiu que a encarnação surge como remédio para o pecado, outra defendia que a intenção de Deus desde o início era dar-se a Si próprio à criação na encarnação... Retomando esta tradição, Rahner defende que Deus escolhe em liberdade, desde o início, criar um mundo no qual o Verbo se tornasse carne e o Espírito irrompesse. Nesta perspectiva o acontecimento-Cristo não é encarado como uma adenda à criação. Não é em primeiro lugar uma correção a uma criação que saiu mal. Não surge apenas como um remédio para o pecado, embora à luz do pecado, é certamente um radical ato de perdão, cura e libertação. Nesta abordagem teológica, a dádiva de Deus de Si próprio na encarnação é o verdadeiro propósito e significado da criação (Edwards 2010, 39-40).*

Isto é o que Rahner tem a dizer sobre o assunto:

*Deus não é apenas aquele que, como criador, estabelece um mundo distante de si como algo diferente, mas antes aquele que se entrega a este mundo e que tem o seu destino neste e com este mundo. Deus não é apenas o dador, mas é também a dádiva. Para uma compreensão panteísta da existência, esta afirmação pode ser completamente óbvia. Para uma compreensão cristã de Deus, na qual Deus e o mundo não estão fundidos mas continuam separados para toda a eternidade, esta é a mais tremenda afirmação que pode ser feita sobre Deus. Apenas quando esta afirmação é feita, quando, numa concepção de Deus que faz uma distinção radical entre Deus e o mundo, o próprio Deus é ainda o centro da realidade do mundo e o mundo é verdadeiramente o destino de Deus Ele próprio, apenas então é atingido o conceito de Deus que é verdadeiramente cristão (Edwards, 41).*

Que significa dizer que o mundo é o destino de Deus? Qual é a nossa resposta a isto?

E aqui está como Elizabeth Johnson vê esta questão:

*Deus é amor incomensurável; o amor procura a união com o amado; esta união ocorre na encarnação quando o Verbo divino entra numa união pessoal com o mundo criado em Jesus Cristo. Mesmo que Adão e Eva e os seus descendentes continuassem inocentemente no Éden, isto teria acontecido; é assim que o amor age... a encarnação não está dependente do pecado dos nossos primeiros pais. Foi essa a intenção do Amor desde o início (Johnson, Ask the Beasts, 226).*

E se isto vos deixa a pensar sobre o significado da cruz e da nossa salvação, ela explica-o de forma muito simples:

*Decerto que a morte de Jesus está indissociavelmente ligada ao pecado. É um epítome do mal que os seres humanos fazem uns aos outros, um poder estatal tomar num homem saudável e reduzi-lo a um cadáver ensanguentado através da tortura e da violência. Escoto... no entanto, localiza o seu poder redentor não na satisfação apresentada a um Deus cuja honra foi violada, mas na presença do amor divino em carne e osso representando uma solidariedade histórica com todos os que sofrem e morrem (Johnson, 226).*

### **Exercício e Reflexão Final**

Em silêncio, refletir profundamente sobre o Pai Nosso e reescrevê-lo como oração ecológica. (15-20 minutos)